

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCADORES E INTELLECTUAIS SOBRE EDUCAÇÃO E EUGENIA NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E NO BOLETIM DE EUGENIA (1920-1929)

Édla Kerollayne Tavares da Silva (1) Adlene Silva Arantes (2- Orientadora)

(1) *Universidade de Pernambuco, edlakerollayne@gmail.com.*

(2) *Universidade de Pernambuco, adlene.arantes@gmail.com.*

Resumo: Com as mudanças do século XX, o Brasil passa pela transição de uma sociedade oligárquica para urbano-industrial. Assim, sente-se a necessidade de repensar a educação nacional com a finalidade de diminuir os males sociais. A partir dessa reflexão sobre a reorganização da educação nacional, temos a popularização dos ideais eugênicos e sua crescente influência nas reformas educacionais brasileiras. Desse modo, baseando-se no conceito de representação de Chartier e nos pressupostos da História Cultural, o presente artigo faz um levantamento das representações sociais de educadores e intelectuais sobre educação, higiene e eugenia presentes no Boletim de Eugenia e no Diário de Pernambuco no período de 1920 a 1929. Analisando os documentos citados, é possível perceber que a educação deixa de se preocupar apenas com o psicológico do estudante, passando a levar em consideração os fatores constitucionais ou biológicos do mesmo. O espaço escolar também passa a receber atenção especial para impedir que fatores como a má iluminação, pudessem degenerar o indivíduo.

Palavras-chave: Representações, Eugenia, Higiene, Educação.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira no início do século XX passou por mudanças causadas pela Revolução Industrial e dentre essas mudanças temos o aumento da concentração populacional. Essa concentração gerou alguns problemas sociais como as péssimas condições de moradia, saneamento básico e conseqüentemente o aumento das epidemias.

A partir desse cenário, o Brasil começa a ser repensado, pois de acordo com Shneider e Meglhoratti (2012) o país entra numa transição de uma sociedade oligárquica para urbano-industrial. Para isso, seria necessário rever a educação nacional e criar uma estratégia para a diminuição dos males sociais.

Sobre o sistema educacional até 1930, Teixeira (1976) afirma que o mesmo era selecionador e não formador. Possuía o ensino primário gratuito, porém, ineficiente. Para a grande parte da população que tinha direito apenas ao ensino primário, as alternativas existentes para continuar os estudos eram as escolas normais e profissionalizantes. Assim, o sistema vigente promovia a imobilidade social.

É nesse cenário de mudanças políticas, sociais e econômicas, onde a Europa passava por uma crise sanitária, que temos a emergência do movimento eugênico. O termo “eugenia” foi criado por Francis Galton (1822-1911) para designar “o melhoramento da raça humana através da reprodução seletiva”, em sua obra *Inquires to human faculties* (1883) (SANTOS, 2008).

Baseado em estudiosos como Thomas Malthus, Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin, Galton buscava relacionar características físicas e caráter, separando-as em grupos para suprimir a reprodução dos ruins e encorajar a dos “bem-dotados” (SCHNEIDER E MEGLHIORATTI, 2012).

Diante do exposto, objetivamos neste texto compreender as representações sociais de educadores e intelectuais sobre educação, higiene e eugenia presentes em periódicos que circulavam em Pernambuco na década de 1920. Para tal, foram analisados os primeiros exemplares do Boletim de Eugenia que circulou entre 1929 e 1933 e os volumes do Diário de Pernambuco, referentes à década de 1920.

Para Silva (2003), a imprensa local é de extrema importância para o desenvolvimento de pesquisas em História da Educação. De acordo com a autora, temos nos jornais a aproximação entre o social e o diário, pois eles são escritos de forma leve e de fácil compreensão ao público. Por sua vez, Araújo (2002) afirma que a imprensa possui papel relevante na educação do homem, auxiliando a compreender como este recria sua cultura. Porém, é válido ressaltar que a imprensa não está livre de sensacionalismo e manipulação. Suas publicações se constituem como partidárias, pois a imprensa não deixa de ser uma empresa que possui interesses na organização social.

A presente pesquisa se baseia no conceito de representação de Chartier (1990) no qual se defende a idéia de que os discursos captam e estruturam o mundo, nos permitindo compreender a relação entre discurso e as práticas culturais que, para o autor, são estratégias que permitem pensar e produzir a realidade. Para ele, as percepções sociais não são discursos neutros e sim estratégicos. Tendem a impor autoridade à custa dos menosprezados para legitimar escolhas e condutas. Portanto, as lutas de representações são tão importantes quanto

as lutas econômicas. A partir delas é possível assimilar os instrumentos a partir dos quais determinado grupo impõe, ou tenta impor, sua noção de mundo social.

Baseamos-nos na concepção de eugenia apresentada por Nancy Leys Stepan (1991). Para a autora, o movimento eugênico não pode ser tratado de forma indiscriminada e única. A eugenia estaria dividida em três vertentes: eugenia preventiva, positiva e negativa, sendo a preventiva a corrente mais popular dentre os eugenistas latino-americanos. Baseados nas teorias neolamarckianas, os adeptos desta corrente defendiam a transmissão hereditária das características adquiridas. O resultado de tal crença foi a adoção de diversas reformas sociais e reformulação do espaço físico para adequação às necessidades biológicas.

Essa reformulação do espaço físico era trazida nas questões de higienização dos ambientes. Segundo Gondra (2015), para os eugenistas, o prédio escolar deveria se afastar dos ambientes insalubres e aglomerados, oferecendo um ambiente saudável e produtivo. Além da localização do prédio, o autor ressalta que existia a necessidade de uma edificação própria e apropriada para o funcionamento de uma escola. A alimentação, o sono, o banho, as roupas, recreios, aulas de ginástica, a inteligência, moral e até mesmo excreções corporais dos alunos deveriam ser observados e regulados para atender o modelo higiênico (p. 527 e 528).

METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa está baseada nos pressupostos da História Cultural que se dedica às diferenças, debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições de um povo. A História Cultural é vista como uma tentativa de incluir no estudo do passado, questões que eram “esquecidas” ou tidas como “difíceis” de compreender. Assim, temos o deslocamento da suposição de uma racionalidade imutável para o crescente interesse nos valores defendidos por grupos particulares em diferentes comunidades e períodos históricos (BURKE, 2008).

Como já mencionado anteriormente, as fontes utilizadas para a construção deste texto foram o Boletim de Eugenia e as edições do Diário de Pernambuco da década de 1920. O Boletim de Eugenia foi criado em 1929 por Renato Kehl¹, e circulou no Brasil entre os anos

¹Nascido na cidade de Limeira, SP (1889), Renato Kehl se formou em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1915 atuando como médico e farmacêutico. Iniciou de sua carreira no Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) dedicando-se principalmente ao saneamento rural e à educação higiênica. Para Monteiro Lobato, amigo seu, Kehl deveria ser lembrado como pai da eugenia devido aos seus incansáveis esforços e dedicação para com a eugenia no país. Dentre seus principais trabalhos estão os livros Pais, médicos e mestres: Como escolher um bom marido (1924), Como escolher uma boa esposa (1924), Lições de eugenia (1929), Problemas de educação e hereditariedade: problemas de educação e hereditariedade (1939).

de 1929 e 1933. Possuiu um total de 42 exemplares que a principio eram editados mensalmente. A partir do seu quinto exemplar, em maio de 1929, o boletim foi incorporado à *Revista Medicamenta* como uma separata, mas mantendo ainda a triagem avulsa de mil exemplares mensais (BONFIM, 2017). Permaneceu nesse esquema até 1932, momento em que deixou de fazer parte da *Revista Medicamenta* e passa a ser uma publicação trimestral tendo como novos diretores o dr. Octavio Domingues e o dr. Salvador de Toledo Piza Jr.

Esse periódico tinha como objetivo “apenas auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediante cultura, desejam também orientar-se sobre o momentoso assumpto” (1929, v.1 p.1). Fruto de uma viagem que Kehl fizera ao norte da Europa o boletim propagava as ideias da ciência de Galton² e era editado com os recursos particulares do próprio Kehl.

Em suas páginas, o Boletim de Eugenia possuía pequenos artigos sobre os ideais eugênicos, pequenas notas explicativas e notícias relacionadas à ciência de Galton. Além de tais artigos e notas, o mesmo propagava a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia.

O nosso instituto, pois, relativamente ao Instituto de Eugenia se limitará a lançar apenas a semente, até que um milagre se faça, - surgindo, então, o novo templo onde se cuidará da *nacionalidade* brasileira, como o faz o Instituto de Eugenia de Berlin, para *nacionalidade* germânica. Já temos Instituto Agrônomico e Instituto veterinário, sendo bem possível que dentro de alguns annos, de muitos annos, depois que ficarem resolvidos os graves problemas da *broca* do café e da *broca* do gado, se cogite então de fundar um Instituto de Eugenia destinado ao estudo dos mios de combater as *brocas* do gênero humano. (Kehl, 1929).³

No entanto, tal instituto nunca chegou a ser criado. Em seu lugar, no ano de 1931, foi criada a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). A CCBE se configurava como uma organização particular formada por dez membros que servia como ponto de convergência e irradiação dos ideais eugênicos. Possuía Renato Kehl como seu presidente e dentre os integrantes estavam personalidades famosas no debate das questões eugênicas. Dentre os membros temos o dr. Ernani Lopes⁴, e o dr. Belissário Penna⁵, (BONFIM, 2017).

A princípio, o projeto para esta pesquisa estava voltado ao Jornal do Comércio, periódico Recifeense fundado em 3 de abril de 1919. Entretanto, após a consulta de vários

² “Ciência de Galton” era usado regularmente entre os eugenistas para denominar a Eugenia.

³ Grifos próprios.

⁴ Na época, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental.

⁵ Na época, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública.

títulos, não foram encontradas notícias referentes ao tema pesquisado. Por este motivo, a pesquisa foi direcionada ao Diário de Pernambuco que, fundado em 7 de novembro de 1825, é o mais antigo periódico a circular na América Latina.

No início da consulta ao Diário de Pernambuco, fomos ao Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. O processo de consulta no arquivo foi difícil, pois o prédio não apresenta estrutura adequada para o manuseio de documentos antigos. O prédio, que já abrigara a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e a Cadeia Nova, segunda cadeia de Recife, possui grandes janelas que promovem a forte circulação do vento em seu interior. Tal fato não é favorável ao trabalho com documentos antigos, pois dificulta seu manuseio e danifica as páginas antigas e ressecadas dos jornais, que se quebram com o simples balançar do vento. Por este motivo, a pesquisa passou a ser realizada nas cópias microfilmadas disponibilizadas no domínio da Hemeroteca Digital pertencente à Fundação Biblioteca Nacional.

A seguir abordaremos a relação entre a eugenia e a educação representada nas páginas do Boletim de Eugenia e do Diário de Pernambuco no ano de 1920. Abordaremos ainda o discurso de intelectuais pernambucanos que tratam desta relação.

A EDUCAÇÃO E O MOVIMENTO EUGÊNICO NO ANO DE 1929

Antes de começar a abordar a relação educação – eugenismo é importante lembrar a diferença entre eugenia e eugenismo, segundo Renato Kehl, por exemplo,

A Eugenia é uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas. Ella tem por fim melhorar e proteger a espécie, pelo melhoramento e pela protecção das boas sementes e de seus portadores. [...] Eugenismo é a aplicação prática, social e individual das medidas que concorrem para o melhoramento humano (Kehl, 1929).

De acordo com a fala de Kehl, eugenia seria a ciência que tem como fim preservar as boas disposições hereditárias. Cuidaria da seleção e “higienização” das sementes e genes humanos. Seleção e cultivo da “boa espécie” a partir das leis da hereditariedade. Por sua vez o eugenismo se constitui como a aplicação social da eugenia. É o cuidado da educação, saneamento, higiene e preparo físico para desenvolvimento e benefício da prole humana. A eugenia é uma ciência experimental criada por Francis Galton que visa o desenvolvimento “físico e mental” do ser humano enquanto o eugenismo é uma filosofia originada na Grécia (embora ainda não recebesse tal nome).

Um assunto recorrente no boletim era a relação do eugenismo e do casamento. Sendo a eugenia a “seleção” das sementes humanas e o eugenismo a sua aplicação social, no eugenismo cria-se certa preocupação com o matrimônio, a maternidade consciente e a educação sexual. O casamento, para os eugenistas, deveria acontecer sempre entre grupos específicos, geralmente da mesma “raça”. Eram consideradas uniões indesejáveis quando um dos conjugues possuía doenças venéreas ou hereditárias. Muitos cientistas defendiam e propagavam a ideia do exame pré-nupcial que serviria para alertar os futuros parceiros a respeito de tais doenças.

A educação sexual foi um tema constante no Boletim de Eugénia. Apostava-se numa educação que, a par do ensino correto dos meios reprodutivos, trataria das questões relacionadas às doenças venéreas, à prostituição, aos males congênitos e hereditários e à responsabilidade cívica de cada um na busca de uniões matrimoniais entre indivíduos “aptos”, submetendo-se e, ao mesmo tempo, exigindo do parceiro o exame pré-nupcial como forma de se evitar a proliferação de indivíduos “disgênicos”. (BONFIM, 2017)

O matrimônio deveria, sob o ponto de vista do eugenista Luiz Huerta, ser convertido em assunto escolar. A educação sexual por sua vez teria como finalidade conscientizar sobre as doenças que possam ser transmitidas tanto aos parceiros quanto aos seus filhos, servindo como fator para impedimento das boas condições físicas e cognitivas do homem.

Se existe uma frase que pode exemplificar os ideais eugênicos é “quem é bom já nasce feito”. Ao citar tal frase Renato Kehl fala que os homens se dividem em três categorias: gente inata e intrinsecamente humana, gente domesticável e gente doente ou indomável. O autor afirma que a pedagogia precisa conhecer a personalidade de cada indivíduo para poder avançar em sua educação. Fala ainda que os métodos educativos modernos são fortemente influenciados pela psicologia, mas deveriam estar atentos também aos fatores “somáticos e constitucionais”. A educação estaria impossibilitada de “domesticar” um indócil, cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível.

Com a procreação ficara determinadas para o indivíduo, em formação, as suas futuras possibilidades de evolução, na maior parte, e de um modo regular. E’ pois de importância decisiva para a criança o como estão formadas as massas de herança que recebeu do pae e da mãe. São estas de boa qualidade, teremos um homem bem dotado e biologicamente “bem-nascido”; se, ao contrário, forem más, o indivíduo será mal dotado ou “degenerado”. Nenhuma força poderá alterar ahi alguma coisa,

pois não podemos transformar a materia e as forças ligadas às substancias hereditárias; nenhum pedagogo ou medico o poderá fazer. (Ludborg, 1929)

O papel da educação então seria o de buscar o desenvolvimento dos indivíduos a partir de suas particularidades. Baseado em tais ideais era possível identificar nas escolas a seleção e separação dos alunos para melhor trabalhar suas habilidades.

Na verdade, cada passo, na vida social, não é marcado por uma actividade que concorre para a selecção? Quando um agrupamento está em perigo, escolhem-se os que são capazes de melhor defende-lo. O recrutamento de um exercito é uma selecção de indivíduos de caracteres phisicos determinados, de saúde sufficiente e possuidores de um certo grau de intelligencia. Se é necessário fazer uma selecção nesses casos, deve-se admitir também a necessidade de uma selecção para o fim de melhorar a humanidade. Nas usinas, o patrão exige dos operários determinadas qualidades phisicas e intellectuaes. O exame escolar não é mais que uma selecção que tem por fim tirar proveito de um ensino mais complexo. (Decroly, 1929)

Para tal, seria necessária a presença de um médico escolar que iria determinar as “aptidões intelectuais” de cada aluno. A partir dessas aptidões o ensino seria individualizado e adaptado ao estado da criança buscando a rapidez do seu desenvolvimento. Mais a frente, o prof. Drecoly dá como exemplo a Bélgica onde existem instituições cujo fim é favorecer o desenvolvimento dos bem dotados.

De acordo com Arantes (2016), Homens e mulheres foram avaliados e examinados para estabelecer parâmetros físicos “normais” e “ideais”. Nas escolas, os médicos iriam examinar e classificar os alunos a partir de medidas antropométricas e testes de inteligência. A classificação das crianças tinha como objetivo a criação de classes homogêneas para “facilitar a aprendizagem” (p. 363-364).

Entretanto, ainda que baseada no positivismo, o ideal eugenico não desconsiderava o meio social. Mesmo que não se possa mudar o que está “geneticamente determinado”, o meio teria influência para o desenvolvimento do indivíduo. Assim, uma educação inapropriada poderia inibir determinadas habilidades ou ocasionar num desperdício de boas qualidades hereditárias.

Não devemos esquecer que más condições sociaes e educação mal dirigida peoram indivíduos com boas disposições, annullam-n’as mesmo ou concorrem que estas não sejam levadas a bom termo. Más condições sociaes e educação defeituosa collocam esses indivíduos em condições tão difficeis ou inferiores, que elles morrem

prematuramente ou não têm oportunidade de constituir família, perdendo-se, desse modo, as suas boas qualidades hereditárias, o que deve ser considerado uma perda para a nação. (Ludborg, 1929).

Nas páginas do Diário de Pernambuco é possível notar a influência de tal movimento a partir dos anúncios de escolas. Em geral, os anúncios das escolas de Recife ressaltavam a existência de um médico escolar na instituição além de instalações higienizadas. Já que o meio também seria decisivo no desenvolvimento do indivíduo, os prédios escolares deveriam ser bem iluminados e permitir a circulação do vento. As instalações escolares deveriam possuir mobiliário adequado e espaço próprio para o desenvolvimento de atividades físicas.

Além de ter como finalidade o melhor desenvolvimento da criança a partir de suas habilidades e limitações, a educação possuía ainda cunho propagador de um “novo senso de responsabilidade para com a sociedade e com a raça” melhorando a conduta dos indivíduos e das sociedades (Kehl, 1929). Em uma pequena nota extraída da Folia Medica de 30/04/1929 e publicada no Boletim de Eugénia no exemplar n. 6-7 (os volumes foram publicados em conjunto no mês de julho), Leonardo Darwin⁶ defende a introdução da biologia nos currículos escolares, pois a constituição biológica das futuras gerações deveria estar alinhada aos interesses nacionais.

O movimento eugênico que tratava da educação como forma de conscientização, acabou influenciando diversas reformas educacionais no Brasil durante os anos 20 e 30 (Pessoa, 2015). Dentre elas temos a reforma Sampaio Dória⁷, no estado de São Paulo, a de Anísio Teixeira⁸ na Bahia e a de Carneiro Leão em Pernambuco⁹.

No caso de Pernambuco, é possível notar os ideais eugênicos presentes na reforma de Carneiro Leão, quando o mesmo afirma que as crianças consideradas anormais deveriam estudar em locais apropriados e preferencialmente longe das crianças "normais". As duas disciplinas introduzidas pela reforma para o ensino normal, inglês e sociologia, também eram vistas como importantes para a eugenia no meio escolar (Araújo, 2009). Segundo Carneiro Leão, a sociologia teria um papel conscientizador dos problemas sociais. Entretanto, existe o questionamento de como tal objetivo seria alcançado se a língua inglesa continuava "vetada ao magistério primário".

⁶ Filho do naturalista Charles Darwin, Leonardo Darwin foi militar, político e economista e Presidente da Real Sociedade Geográfica.

⁷ Político, jurista e educador brasileiro, atuou como Diretor-Geral da Instrução Pública.

⁸ Jurista, educador e escritor brasileiro, propagou os fundamentos do movimento Nova Escola.

⁹ Educador e escritor brasileiro, Foi secretário de Interior, Justiça e Educação do estado de Pernambuco.

Em sua pesquisa, Arantes (2016), analisa a eugenia no discurso de intelectuais pernambucanos. Podemos destacar entre eles o discurso de Ulysses Pernambucano, que classificava as crianças “anormais” em “verdadeiras” e “falsas”. As verdadeiras seriam aquelas portadoras de “cérebro enfermo”¹⁰ e as falsas como sendo as de “cérebro são”. Para as falsas, o retardo seria causado por lesões de órgãos e assim, estas não conseguiriam acompanhar os normais. O problema dos falsos anormais, segundo Pernambucano (1918) poderia ser resolvido com a correção dos defeitos auditivos e visuais e até mesmo dentários.

É neste discurso que podemos compreender a preocupação com a “higienização” dos prédios escolares. Ao defender que estes espaços deveriam estar higienizados por serem decisivos no desenvolvimento do corpo discente, o objetivo dos eugenistas era diminuir o surgimento dos chamados “falsos anormais”. Ao promover um ambiente bem iluminado, a escola diminuiria as chances de uma criança desenvolver problemas de visão, que poderiam atrapalhar no rendimento escolar do mesmo.

De acordo com a autora, Ulysses Pernambucano atribuía as prováveis causas das anormalidades infantis ao alcoolismo, à sífilis, tuberculose, doença de chagas e outras. A autora afirma ainda que Ulysses se baseava em Galton para explicar a existência de “talentos natos”. É provável que além da existência de talentos natos, Ulysses acreditasse na inferioridade intelectual dos negros já que para Galton, a média de inteligência da “raça” negra era menor em relação à “raça” branca.

Masiero (2002)¹¹ menciona um levantamento realizado por Ulysses Pernambucano, juntamente com Helena Campos, que indicava a existência do dobro de doentes mentais negros, nas unidades psiquiátricas do estado de Pernambuco, em relação às outras raças reunidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados levantados durante a pesquisa é possível perceber a importância que a educação possui para o movimento eugênico. Para o fundador e diretor do Boletim de Eugénia, a educação serviria como uma forma de acelerar a socialização de medidas para o desenvolvimento de uma geração eugenizada.

A eugenia preventiva trouxe ao Brasil a preocupação com a higienização dos corpos e dos espaços escolares. A partir do movimento eugênico, passou a existir certa preocupação

¹⁰ Grifo da autora, página 367.

¹¹ Apud. Arantes, página 369.

com os prédios escolares. Estes deveriam estar longe de aglomerações populacionais, evitando assim epidemias. Além da localização, estes deveriam possuir boa iluminação para não se tornar uma fábrica de míopes (GONDRA, 2015, p. 506). Essa preocupação fica clara nos anúncios de escolas encontrados nas páginas do Diário de Pernambuco, bem como é ressaltada a presença do médico escolar.

A seleção dos alunos por aptidões físicas e intelectuais nos mostra que embora educação fosse um importante instrumento do eugenismo, ela limitava-se apenas ao desenvolvimento das habilidades geneticamente pré-determinadas. Deveria existir um cuidado para que as péssimas condições sociais e uma educação má dirigida não atrapalhasse no desenvolvimento físico, psíquico e moral do indivíduo.

FONTES UTILIZADAS

DECROLY, O. A seleção dos bem dotados. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.10, outubro de 1929.

KEHL, R. Educação e eugenia. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.9, setembro de 1929.

KEHL, R. Instituto Brasileiro de eugenia: ligeiro esboço – fins do instituto – O que é necessário fazer. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.2, fevereiro de 1929.

KEHL, R. Médicos, curandeiros e charlatões. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.3, março de 1929.

KEHL, R. Eugenia e eugenismo. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.8, agosto de 1929.

KEHL, R. O nosso boletim. **Boletim de Eugénia**. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, janeiro de 1929.

HUERTA, L. Os fundamentos científicos da eugénia. **Boletim de Eugénia**, Rio de Janeiro, ano 1 n.8, agosto de 1929.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Adlene S. **Discursos sobre eugenia, higienismo e racialização nas escolas primárias pernambucanas (1918-138)**. In Fonseca M. V. e BARROS S. A. P. A história da educação dos negros no Brasil. Niterói: EdUFF, 2016.

ARAÚJO, C. **A reforma Antônio Carneiro Leão no final dos anos de 1920**. Revista Brasileira de História da Educação. v. 9 n. 1 [19], 2009.

ARAÚJO, José Carlos Souza. **A imprensa, co-participe da educação do homem**. Cadernos de História da educação – v. 1 – n°. 1. 2002.

BONFIM, P. R. **Educar, Higienizar e Regenerar: Uma história da Eugenia no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1990.

GONDRA, José G. **Medicina, higiene e educação escolar** in: LOPES, Eliane M. T. 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PACHECO, A. **As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e *campo* em Pierre Bourdieu**. ANPUH - XXII Simpósio nacional de história. Londrina, 2005.

PESSOA, M. S. A. **A educação durante a república velha em Pernambuco: Um estudo sobre a Reforma Educacional de Carneiro Leão entre os anos 1928 e 1930**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SILVA, Andréa Agnes. **A imprensa Pernambucana (1889-1910): aspectos teórico-metodológicos da utilização do jornal na pesquisa histórica**. Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, 2003.

STEPAN, NANCY L. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Focus, 2005.

SCHNEIDER, E. M.; MEGLHIORATTI, F. A. **A influência do movimento eugênico na constituição do sistema organizado de educação pública do Brasil na década de 1930.**

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil.** 2º Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC, 1976.